

Leonardo Senkman, *Semblanzas de vida y muerte: utopistas latinoamericanos en Israel*. Buenos Aires: Leviatán, 2025.

Utopistas latino-americano em Israel

Avraham Milgram*

avraham.milgram51@gmail.com

O impacto do massacre perpetrado pelo Hamas em 7 de outubro de 2023 no entorno da Faixa de Gaza, que ainda não dissipou, e a desproporcional quantidade de latino-americanos entre as vítimas, estimulou o historiador Leonardo Senkman da Universidade Hebraica de Jerusalém a refletir sobre perfis de vida e morte de pioneiros sionistas-socialistas dessa origem que caíram na guerra pela independência de Israel em 1948 e no 7 de outubro. O livro foi elaborado num período de trevas, desorientação, negligências governamentais, políticas destrutivas ao nível interno e externo implementadas num clima de guerras intermináveis e de polarização social, cultural e política.

O subtítulo da obra, “utopistas latinoamericanos en Israel” está fora de lugar, pois os jovens dos movimentos juvenis sionistas-socialistas (*chalutzim* em hebraico), certamente no período áureo do pioneirismo sionista latino-americano das décadas de 1940, 1950 e 1960 do século 20, jamais se autodenominaram utopistas. A seus olhos, o *kibutz* não pertencia à categoria da utopia, pelo contrário, ele era o que o filósofo Martin Buber definiu em *Caminhos de utopia*, “um não-fracasso exemplar”. Daí que eles não se reconheciam como utopistas, porém como agentes de uma revolução do Povo Judeu em andamento na forma do *kibutz*. Mas, hoje, faz eventualmente sentido denominá-los utopistas, considerando as crises e fissuras responsáveis pelo fracasso do “novo homem” e da sociedade socialista, igualitária e justa *vis-à-vis* o que resultou nos *kibutzim* das últimas décadas.

O livro *Semblanzas de vida y muerte* compreende quatro capítulos. O prelúdio tem por objetivo esclarecer para as jovens gerações de hoje e para os leigos na matéria os componentes ideológicos dos sionistas-socialistas borochovistas (seguidores das teorias de Ber Borochov, ideólogo da corrente Poalei Tzion de esquerda) decididos a concretizar o ideal kibutziano. Essas páginas introdutórias explicam as origens e os conceitos das doutrinas juvenis sionistas-socialistas, e sua importância deriva do fato de o livro ter sido publicado em Buenos Aires e o que lá se sabe sobre o *kibutz* tem mais a ver com o fatídico 7 de outubro do que seu esplendor do passado. Os conceitos desse capítulo, em grande medida didáticos, marcam presença ao longo do

* Historiador, escritor. Doutor em Judaísmo Contemporâneo pela Universidade Hebraica de Jerusalém.

livro. Mesmo sendo acadêmico, o prelúdio não está livre de apologias, o que é perceptível quando o compilador ressalta as diferenças entre a obra colonizadora dos *chalutzim* frente aos enunciados nocivos propagados pelas esquerdas pelo mundo afora contra o Estado de Israel, visando desvirtuar o projeto sionista como sendo a última versão do colonialismo europeu. Nas memórias, cartas e documentos que Leonardo Senkman coletou com tanto afinho, raramente aparecem menções sobre aspectos sensíveis, de teor político-ideológico, a exemplo do estabelecimento de *kibutzim* em terras onde viviam palestinos antes da guerra de 1948 ou da exploração econômica de mão de obra assalariada, primeiro de imigrantes judeus de origem oriental, e depois, de palestinos dos territórios ocupados na guerra de 1967. Com a exceção do item “El ideal de convivência judeo-árabe”, de Pesaj Zaskin do Kibutz Metzer (p. 182-197), que realça o conflito israelo-árabe bem como iniciativas de *chalutzim* para entabular diálogos em busca de soluções pacíficas, que aliás, terminaram em fracassos. A presença árabe também aparece em dois itens da autoria de Dvora Schechner (p. 131-137), pioneira do Hashomer Hatzair da Argentina que viveu no Kibutz Gazit, a quem Senkman admira suas qualidades humanas, intelectuais e escritos. Esses itens da autoria da jovem pioneira argentina discorrem sobre a rara experiência de relações humanas de duas mulheres, a beduína Amna e Dvora Schechner, membro de um *kibutz*.

A singularidade descrita por Yeoshua Faigon, intelectual, periodista e ativista sionista que fundou a Juventude Anilevitch em Buenos Aires em 1961, em seu romance autobiográfico *Los tiempos de Avot*, sobre sua geração decidida a trocar a Diáspora pelo *kibutz*, merece menção para compreender sua idiossincrasia e compromisso com a causa:

La nuestra fue una generación hija de la certeza [...] La vida –nuestro mundo interior y el mundo externo – nos reclamaba lucidez y consecuencia, y nosotros respondimos al llamado. [...] Pertrechados de esas certezas salimos a construir el país y a construirnos. Por lo obrado y por lo logrado cabe sentir orgullo. Pero el tiempo, con la parsimonia y la insensibilidad que lo caracterizan, nos fue desdibujando las certezas y enfrentando con las dudas. Cierta día nos encontramos habitando el desconcierto; nuestra generación quedó abocada a un callejón aparentemente sin salida, en el que todas las verdades quedaron cuestionadas... (p. 42).

No primeiro capítulo após o prelúdio, se encontram breves biografias de pioneiros latino-americanos como Dvora Epstein (p. 48-56), membro do movimento juvenil *Hanoar Hatzioni* de Montevideu, Mordechai Wainerman (p. 62-70), ativista do Hashomer Hatzair de Buenos Aires, e outros que caíram nas batalhas pela independência de Israel em 1948. Não surpreende que os trágicos eventos do 7 de

outubro tenham servido de estímulo para Leonardo Senkman evocar episódios sobre seus predecessores caídos em 1948. No entanto, as diferenças das circunstâncias que vitimaram jovens idealistas latino-americanos em ambos casos são incomparáveis e descartam qualquer semelhança. Não é por acaso que o livro se inicia com um capítulo sobre os *chalutzim* caídos em 1948 e finaliza com as vítimas do massacre de 7 de outubro. A conexão entre ambas gerações de *chalutzim* e a ênfase do compilador na similaridade de suas idiossincrasias é um elemento conceitual essencial da obra.

O capítulo sobre os caídos nas batalhas pela independência de Israel, elaborado em grande parte sobre escritos necrológicos e elogiosos de amigos próximos aos caídos em combate, que naturalmente exaltam suas qualidades e sacrifícios, induziu à glorificação dos biografados. O segundo capítulo, que cobre um terço do livro, constitui algo diametralmente oposto ao primeiro pelas suas histórias de vida e não de morte, coletados das memórias, cartas, entrevistas e livros que eles próprios deixaram. Essas narrativas autobiográficas são as mais veementes do ponto de vista ideológico, cultural e psicológico, e permitem conhecer mais a fundo os pioneiros latino-americanos clássicos que se estabeleceram nos *kibutzim* entre os anos 1945 e 1967. O título desse capítulo, *Los encantos de la utopia* (p. 77-239), reflete não apenas a prática da vivência coletiva, socialista e o árduo trabalho rural, como o contraste e o preço que estavam dispostos a pagar pelos seus ideais.

O conjunto desses testemunhos heterogêneos, sincronizados no tempo e espaço de um Israel que há muito deixou de existir, é interessante e importante sob vários pontos de vista. Desses, menciono a escrita de Dvora Shechner de Gazit, já mencionada, proveniente das cartas que ela enviava de Israel a seus pais e amigos na Argentina, e que constituem a base do seu livro autobiográfico intitulado *Una muchacha política* (Tel Aviv: Aurora 2002). O posfácio desse livro também foi escrito por Leonardo Senkman, o que demonstra que há décadas ele se interessa pelo tema dos pioneiros latino-americanos, principalmente de origem argentina. Senkman, mesmo não vivendo no *kibutz*, mantinha relações próximas com esse grupo social e intelectual. Quanto a Shechner, sua personalidade, aguçado senso autocrítico, habilidade para enxergar e analisar a realidade nua e crua, é uma mais valia para compreender os primórdios sociais e culturais da sociedade israelense pelo prisma do pioneirismo. Com o correr dos anos, ela se distinguiu como educadora, professora, escritora e historiadora. Quando eu tomei conhecimento de sua existência, por meio dos testemunhos registrados por seu sogro na Shoá, que Dvora Schechner editou e Yad Vashem publicou, ela havia falecido, do contrário eu teria ido a Gazit para conhecê-la *in loco*. Os textos de Dvora Schechner nas *semblanzas de vida y muerte* são, indubitavelmente, o *highlight* desse capítulo.

Em vários itens biográficos desse capítulo Senkman não só não esconde como deixa transparecer seu fascínio pelos pioneiros latino-americanos e seus feitos. Com alguns,

ele manteve laços de amizade e diálogos sobre assuntos existenciais, judaicos, sionistas, universais.

Diga-se a seu favor que Leonardo Senkman estava plenamente consciente dessa propensão ao comentar e confessar que:

Las mejores semblanzas siempre piden tomar distancia y cautela, a fin de captar tics insólitos en el rostro, y a la sombra y brillo de los ojos; algunos definen a la semblanza como el arte de la distancia a ser escrita en ese exacto punto del umbral, entre lo próximo y lo alejado de la radiación, que ilumina el semblante de quien aspira leer su semblanza. Confieso asumir un riesgo bastante frecuente: la semblanza bosqueja más a quien la escribe que al bosquejado, retrata más a quien compendia que al compendiado (p. 12).

O terceiro capítulo, *Semblanzas del 7 de octubre* (p. 241-318), é uma digna homenagem, e, metaforicamente falando, uma lápide de memórias que desvendam faces, nomes e demais particularidades humanas que personificam e individualizam os latino-americanos assassinados no massacre de 7 de outubro de 2023.

Não pretendo fazer uma análise comparativa dos pioneiros das primeiras gerações latino-americanas com as vítimas do 7 de outubro. No entanto, ao ler suas biografias e os modos aleatórios pelos quais eles decidiram emigrar para Israel e se estabelecer no *kibutz*, alheios às estruturas clássicas dos movimentos juvenis sionistas-socialistas, e faltos daquela bagagem ideológica que os caractertizaram, pergunto-me se também podemos considerá-los pioneiros. Ou pioneiros têm mais a ver com geografia do que com ideologia? Talvez seria o caso de dividir *as semblanzas de vida y muerte* em duas partes, uma com perfis daqueles que pretendiam concretizar os ideais sionistas-socialistas e outra dos latino-americanos vitimados em 7 de outubro.

No quarto e último capítulo, de cunho eclético, intitulado “*El ideal jalutziano latinoamericano sobrevivirá a la masacre del 7.10*”? (p. 319-361), Senkman conclui com reflexões de vários matizes, dos quais ressalto três: 1) a primeira consideração diz respeito ao desencanto de pioneiros da utopia socialista kibutziana, mais evidente entre os veteranos. Para além das conclusões de um importante estudo sociológico realizado por Batia Siebzehner e Pablo Adi, Senkman se refere a outros fatores resultantes da economia neoliberal que incidiu nos ideais pioneiros em geral e nos desencantos pelo fascínio da utopia socialista em particular; 2) a segunda consideração diz respeito à injusta ausência do papel pioneiro que preencheram os latino-americanos para o estabelecimento do Estado de Israel na memória israelense. Principalmente devido a que esses contingentes de fato corresponderam às expectativas da colonização e defesa das fronteiras do Estado de Israel, bem como ao sacrifício que exigia o árduo trabalho agrícola sob o clima de Israel, além dos

chamados de mobilização nacional, entre outros. Mesmo assim, eles permanecem ausentes da epopeia sionista; 3) a terceira consideração se refere às contundentes e justas críticas de Leonardo Senkman contra os governantes de Israel pelas políticas negligentes em geral e relativas à população dos *kibutzim* do entorno da Faixa de Gaza em particular.

Leonardo Senkman questiona:

¿Cómo hacer semblanzas de pioneros latinoamericanos asesinados en Kibutzim frente a Gaza el fatídico 7/10/23, si antes no se componen semblanzas de idealistas que llegaron muchas décadas previas al Neguev y a otras regiones de Israel? (p. 9).

Para o compilador, as origens históricas do pioneirismo latino-americano são uma condição *sine qua non* para a elaboração dos perfis individuais das vítimas do massacre do 7 de outubro. Ele considerou a similitude dos vínculos ideológicos dos pioneiros das décadas de 1940, 1950 e 1960 com as motivações dos imigrantes latino-americanos que se estabeleceram nos *kibutzim* nas décadas de 1980 e 1990, algo que me parece questionável e merecedor de um exame mais detalhado. Possivelmente, o fato de que em alguns *kibutzim*, a exemplo de Nir Yitzchak e Ein Hashlosa, tenham convivido vítimas de ambas as categorias, veteranos dos movimentos juvenis Hashomer Hatzair e Hanoar Hatzioni com imigrantes das décadas de 1980 e 1990, desconectados dessas raízes, possivelmente contribuiu para a não diferenciação identitária de ambos, implícita no livro. Esses parâmetros conceituais contribuíram para o ecletismo das *semblanzas de vida y muerte* dos idealistas e imigrantes latino-americanos que vieram viver nos *kibutzim* e não morrer por Israel.

O livro é uma rara coletânea de perfis de vida e de morte de jovens e adultos que se encaixam nos parâmetros sociológicos de pioneiros sionistas-socialistas que vieram concretizar seus ideais no *kibutz* por um lado e imigrantes latino-americanos que, por vários motivos, levaram-nos a se estabelecer nessas comunidades, principalmente no entorno da Faixa de Gaza. Mas não estou convencido de que Leonardo Senkman apenas queria cobrir a lacuna que ainda persiste na sociedade israelense e nas comunidades judaicas da América Latina relativa à desmemória dos latino-americanos em geral e dos pioneiros em particular. Essa coletânea, por si só, sem outras pretensões, seria suficiente para justificar sua publicação.

Enviado em: 02/04/2026

Aprovado em: 30/04/2026